

Os testes da economia brasileira

20 MAI 1984

No momento em que, no plano internacional, se cria uma expectativa tão negra no que diz respeito à evolução das taxas de juros, convém destacar os pontos positivos que começam a aparecer no Brasil com a retomada da produção industrial, o aumento do nível do emprego, o crescimento do superávit da balança comercial e a redução da taxa de inflação. É necessário esclarecer que todos esses indícios são muito frágeis, e somente se alguns testes nos próximos meses se verificarem positivos será possível falar em recuperação real e duradoura.

A curtíssimo prazo, vamos ter um teste muito importante: o do comportamento da taxa de inflação em maio. Com efeito, se apesar das pressões altistas deste mês (reajuste do salário mínimo, reajuste salarial de grandes categorias, prolongação das consequências da alta dos derivados de petróleo registrada em abril, estouro da base monetária e dos meios de pagamento no mês an-

terior...) a taxa de inflação for menor do que no mês anterior, provavelmente se terá uma possibilidade concreta do controle da inflação nos próximos meses, ainda que a redução seja lenta.

O segundo teste, que poderá ser avaliado em curto prazo, diz respeito ao controle da base monetária e dos meios de pagamento sem que se recorra a cortes creditícios, que, certamente, no atual contexto, iriam contribuir para uma alta das taxas de juros e constituiriam sério obstáculo para a recuperação econômica. Na realidade, deve-se verificar se, nas próximas semanas, o governo conseguirá colocar seus títulos da dívida pública a taxa de juros razoável. Na semana finda, registrou-se uma reversão de expectativa, o que já traz algum otimismo. Nas três primeiras semanas de maio, a colocação dos títulos da dívida pública permitiu às autoridades monetárias voltar a anular os efeitos expansionistas anormais que se observaram na base mo-

netária no final de abril. No final do mês, será possível avaliar a eficácia dessa nova orientação.

O terceiro teste, que poderá ser aferido nos três próximos meses, diz respeito à evolução das importações. O ministro Antônio Delfim Netto anunciou que as importações brasileiras, neste exercício, poderão crescer de 22%, apesar de redução das compras de petróleo. Um aumento das importações terá grande significação: por um lado, permitirá impedir algumas altas de preços que ocorrem apenas em função da impossibilidade em que se encontra o País de recorrer a importações de choque; por outro, significará que a produção industrial nacional evolui favoravelmente. Convém lembrar também que a importação pode contribuir para reduzir a pressão monetária decorrente de um superávit acima do desejável para a balança comercial.

O quarto teste refere-se ao crescimento das vendas no comércio varejista, as quais até agora não mos-

traram sinais de reação. Não há dúvida de que o processo de recuperação da indústria teve sua origem nas empresas exportadoras. Mas, na medida em que isso se traduziu, numa primeira fase, em um estancamento do desemprego, e, numa segunda fase, em um crescimento no nível do emprego, pode-se esperar que tal evolução se reflita na demanda de bens no comércio varejista. Nesse momento estarão criadas as condições para uma recuperação mais ampla da economia brasileira. Nesse sentido, deve-se repetir, uma queda da taxa de inflação exerceeria um impulso muito favorável.

Não se deve, todavia, exagerar a significação dessa recuperação. Enquanto perdurar a obrigação de transferir para o Exterior recursos reais, isto é, enquanto não se encontrar uma solução para aliviar o ônus do processo de pagamento da dívida externa, o País enfrentará dificuldades para uma maior recuperação.